

As Minas Fragmentadas e a Comunidade Imaginada: a Dialética da(s) Identidade(s) em a *Menina do Sobrado*

Elaine Gonçalves Maciel¹

RESUMO: Este trabalho traz discussões acerca daquilo que conhecemos por “identidade mineira”, partindo do livro autobiográfico *A Menina do Sobrado* de Cyro dos Anjos. Para tanto, fundamenta-se no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu*, de Jacques Lacan, e no texto *As Culturas Nacionais Como Comunidades Imaginadas*, de Stuart Hall. A intenção, contudo, não é engessar Minas dentro de uma identidade, mas propor uma problematização do conceito “mineiridade”, de modo a repensarmos os mitos em torno da Literatura de Minas Gerais.

Palavras-chave: Minas Gerais; Imagens Fragmentadas; Comunidade Imaginada; Dialética; Identidade.

Introdução

O artigo que se segue pretende discorrer acerca do processo dialético da construção identitária de Minas Gerais no livro autobiográfico *A Menina do Sobrado* de Cyro dos Anjos. Para tanto, fundamentamo-nos, essencialmente, no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu*, de Jacques Lacan, bem como no texto *As Culturas Nacionais Como Comunidades Imaginadas*, de Stuart Hall. A partir das imagens fragmentadas de Minas que aparecem em *A Menina do Sobrado*, bem como dos signos culturais que se desdobram em signos identitários no processo de identificação, procuramos pensar as Minas vislumbradas no romance como aquilo que se denomina ‘comunidade imaginada’ dentro dos estudos culturais, no que se refere à identidade cultural na pós-modernidade.

Dessa forma, o livro autobiográfico do escritor montesclarenses funcionará como pano de fundo para uma problematização do que se entende por “mineiridade”. Em seu livro de memórias, Cyro narra a história de sua infância na pequena Santana do Rio Verde², e também as experiências vividas na Capital mineira, onde ele passou a morar na juventude. Essas experiências narradas deixam-se entrever com a própria memória que constitui os lugares vivenciados pelo autor, pois, como afirma Walter Benjamin, “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo” (BENJAMIN, 1989, p. 107) e, sendo o sujeito que fala no

¹ Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual de Montes Claros, sob a orientação do Professor Doutor Élcio Lucas.

² Nome fictício que o autor dá à sua cidade natal, Montes Claros.

romance “Um homem essencialmente social” (BAKHTIN, 1998, p. 135), sua narrativa acaba por se tornar o espaço de expressão, não só da identidade individual do autor, mas, sobretudo, dos signos identitários da cultura de seu povo, pois “as narrativas, tais quais os lugares da memória (...) são suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo”. (DELGADO, 2006, p. 43).

Nesse sentido, buscamos analisar aqui, à partir de alguns signos identitários identificados no livro, o processo daquilo que entendemos por ‘identidade mineira’ e ‘mineiridade’, e que muito tem permeado os colóquios sobre a Literatura de Minas. Nossa intenção, contudo, não é ‘engessar’ Minas dentro de uma identidade, é, antes, refletir, e quem sabe colaborar com os estudos na área, sobre o ‘sentimento de Minas’ que é tão forte em sua Literatura. Para além das intenções ou não-intenções do autor em construir uma ‘identidade mineira’ em sua autobiografia, *A Menina do Sobrado* surge aqui, como lugar onde buscamos representações do ‘ser mineiro’, para à partir delas, discutirmos a questão identitária. Estas representações não se pretendem totalizantes, tampouco oferecem retratos fiéis de Minas, porém retratam parte da história do norte-mineiro e da capital mineira.

A discussão primeira que fazemos, entretanto, desdobra-se em um questionamento: “o que é identidade?”. Para isso, buscamos respaldo na teoria do psicanalista Jacques Lacan que versa sobre a formação do eu, e também nas discussões sobre a identidade cultural na pós-modernidade, de Stuart Hall. A identidade é homogênea ou fragmentada? É uma questão que será contemplada no decorrer deste texto. Sendo assim, num primeiro momento, fizemos uma esplanagem sobre como a identidade individual é construída, para, num segundo momento, falar de uma identidade cultural, que acreditamos passar pelo mesmo processo dialético da formação do eu.

1. O Eu Fragmentado e a Desconstrução do “Um”

Os estudos de Freud sobre o inconsciente trazem ideias revolucionárias sobre a psicologia, e nessa esteira a psicanálise proclama a descentralização do eu. Mas, o que isso quer dizer? Que o eu é um Outro, vai dizer Lacan, leitor de Freud. Ou seja, a identidade é produto de processos simbólicos das relações no inconsciente, relação consigo mesmo e com o Outro, relações com a realidade de si mesmo e a realidade de fora. Essa ideia freudiana exclui a ideia cartesiana de que há um sujeito de identidade fixa e unificada. Lacan em sua leitura de Freud, no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu*, fala do ‘estádio do espelho’ que prefigura a matriz simbólica do eu do sujeito.

Na fase do espelho, a criança que antes não possuía nenhuma imagem de si mesma captura sua imagem através do olhar especular do Outro e, a partir daí, vê sua imagem ‘inteira’ e se afirma como sujeito unificado. De acordo com Lacan, o estágio do espelho é um drama “que fabrica para o sujeito apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade” (LACAN, 1998, p. 100). O sujeito fragmentado em suas contradições, cria, pois, uma imagem alienante de si mesmo. Contudo, as contradições próprias do ser o acompanham por toda a vida, e a despeito dessas contradições, ele vive a unificação imaginária de seu eu fragmentado ou dividido. Pois, como afirma Hall, numa leitura de Lacan,

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a identidade e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. (HALL, 2005, p. 39)

Nesse sentido, partindo da metáfora do espelho de Lacan, e da forma dialética como construímos a identidade do sujeito que somos, pensamos a formação de identidades de uma comunidade nesta mesma perspectiva lacaniana (de sujeito fragmentado e imagem unificada alienante), porém saindo do campo do indivíduo e passando por aquilo que Stuart Hall em conformidade com Benedict Anderson designa como “Comunidade Imaginada”, ou seja, uma comunidade simbólica formada idealmente por conjuntos de significados que a identificaria no interior da representação.

Hall fala primordialmente sobre o conceito de nação, o qual ampliaremos também para comunidades locais, visto que entendemos as comunidades locais, assim como a nação, como sendo um sistema de representação cultural, portanto, uma comunidade simbólica. De acordo com Hall, as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional seria um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. “Ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, as culturas nacionais constroem identidades” (HALL, 2005, p. 50-51). Do mesmo modo, é possível se pensar nas culturas locais de determinada nação, cujos sentidos construídos a partir de signos culturais peculiares daquele povo possibilitam a construção simbólica de identidades no mundo como representação. Em *A Menina do Sobrado*, Cyro dos

Anjos descreve por meio de suas memórias diversos destes signos culturais que acabam por se desdobrar em signos identitários das comunidades onde viveu.

Santana do Rio Verde vai aos poucos sendo retratada nas memórias do autor, através do registro de algumas tradições, costumes e crenças de seu povo. As crenças da velha ama Luisa quanto a deitar sal ao fogo e nascer verrugas, ou varrer pé de moça atrapalhar casamento; os costumes, as comidas, a carne de sol; os doces da roça feitos do buriti. E as festas de agosto, sobre as quais confessa o menino:

Maravilhado, eu antevia, como se fosse um bem iminente, o cortejo do Rei a descer pela Rua Direita, com foguetório, trompas e clarins, entre danças de marujos, caboclinhos e catopés, que brandiam os seus pendões e os seus pandeiros, à luz faiscante das dez horas.” (118) “Quando a torre do Mercado badalava dez horas, toda a família real estava reunida e podia então encaminhar-se à igreja do Rosário, em grande préstio. (ANJOS, 1994, p. 119).

Tradições que ainda hoje se matêm vivas em Montes Claros, foram se tornando signos de uma identidade, que é possível ser reconhecida no discurso que representa quem somos neste largo espaço conhecido por Minas Gerais. Contudo, Santana do Rio Verde, como Cyro chamou, é só uma pequena parte da grande Minas, um fragmento que juntamente com outros fragmentos compõem um todo. Fragmentos por vezes contraditórios, como o eu em si mesmo também o é. E é nesta oposição de seres que Santana e Belo Horizonte se apresentam nas memórias de Cyro:

Largas e vazias eram as ruas da Belo Horizonte de 1923, mas tudo me parecia trepidação, formigamento, em contraste com o paradeiro que Santana me deixara na retina. Já me imaginava nos bares, aturdido pelo corre-corre dos garçons, já subia a Rua Bahia com os companheiros, já me incorporava ao footing da praça da Liberdade, onde em noites de retreta Priscilas outras haviam de surgir aos punhados. Depois do footing, meu pensamento tomava o bonde, apeava na porta do Odeon, entrava na sala de projeções, mirava, guloso, a esplêndida platéia. (ANJOS, 1994, p. 228)

Belo Horizonte era ainda a capital das contradições mineiras, onde fragmentos de Minas se faziam em cidade sem face, vai dizer Cyro:

Belo Horizonte, cidade artificial, desprovida de passado, onde pedaços de Minas se justapunham sem se amalgamarem, não recebera, na bagagem dos funcionários transferidos, a alma das velhas cidades do luar, onde os sobrados, as sacadas retinham a lembrança de um espartilho perfumado, uma camélia ao colo, a dolência do viver, uma pena de amor. (ANJOS, 1994, p.289)

A Capital mineira era a cidade artificial; com menos de 30 anos, ainda lhe faltava uma identidade; de acordo com Cyro, “a gente que ali nascera não era Minas, não se impregnara de

Minas” (ANJOS, 1994, p. 289). E foi nesta jovem cidade que se reuniram os mais importantes nomes do Modernismo Mineiro, vindos de diversas regiões do Estado, fazendo de Belo Horizonte o local da confluência de identidades. De uma forma ou de outra, toda a gente que foi para BH levou suas Minas que se encontraram com tantas outras Minas a compor a identidade que lhe faltava. Mas, afinal, o que é ser Minas? Este é assunto para a próxima seção.

2. A Dialética da(s) identidade(s) de Minas: comunidade imaginada

Muito se fala no ‘jeitinho mineiro de ser’ ou ainda na ‘Literatura de Minas’; os escritores mineiros quase sempre vistos como seres introspectivos e ensimesmados, influenciados pelas montanhas que os cercam. Como se só houvesse montanhas em Minas ou como se a introspecção fosse caráter estritamente mineiro e não do ser humano em geral. Características que foram sedimentando-se como próprias de Minas, como um valor quase cívico. Minas Gerais é envolto de mitos, sobretudo sua Literatura. E a discussão fica superficialmente em torno do jeito de ser do homem mineiro e reduz-se Minas a isso.

Até que ponto o que é conhecido por mineiridade é identidade de Minas ou apenas um modo como nos reconhecemos no olhar do outro de fora que nos vê? Até que ponto as Minas vislumbradas nas Literaturas não são apenas “comunidades imaginadas” nos termos de Benedict Anderson e Hall?

O Professor João Antônio de Paula em texto publicado no suplemento Literário a propósito dos 40 anos da coleção *Mineiriana* diz que a investigação sobre “os mistérios de Minas” tem ensaiado a construção de tentativas de síntese. Segundo o professor, a palavra “mineiridade” tem tido existência equívoca e controversa. “Sobre a mineiridade talvez possa se dizer o que se diz sobre a fama, que ela é o conjunto dos mal-entendidos, que se lhe apõem e acumulam sobre ela” (DE PAULA, 2009, p. 14). Como pensarmos, então, a mineiridade sem cairmos no equívoco de que fala o professor João Antônio? O ensejo de resposta é ele mesmo quem dá: “Motiva-nos, a todos que têm se debruçado sobre Minas, o mistério de sua inumerável variedade, sua multiplicidade: as várias Minas, de nenhum modo convergentes, que, sem pretensão de ser exaustivo, Guimarães Rosa viu mais de uma centena”. (DE PAULA, 2009, p. 13 – 14).

Pensarmos nestas diversas Minas é, então, pensarmos na Mineiridade. A identidade cultural de um povo passa pelo mesmo processo dialético da formação de identidade de um sujeito: temos uma comunidade fragmentada, Minas não sendo uma, mas sendo várias Minas,

ao mesmo passo em que a partir da fragmentação, num processo imaginário buscamos signos (modos de vida ou de pensar) em comum que nos colocam em um mesmo local, como sendo sujeitos que partilham uma mesma identidade. Se Benedicti Anderson afirma que “a identidade nacional” é uma ‘comunidade imaginada’” (ANDERSON, *apud* HALL, 2005, p. 47- 65), por que não dizermos a identidade mineira é uma comunidade imaginada?

A mineiridade, pois, configura-se como síntese da dialética da identidade, e cria a concepção de uma comunidade simbólica que representa o que é ‘ser mineiro’ no mundo como representação. Nas palavras de Guiomar de Grammont: “A concepção de uma comunidade compreendida no território de “Minas Gerais” é resultado da partilha de idéias tão vivas como os seres humanos que as produzem. (GRAMMONT, 1999, p. 28)” Nesse sentido, a ‘mineiridade’ é sim um discurso que representa o que “Minas” é, dá sentido à identidade de ‘ser mineiro’ e fixa ‘Minas’ como um foco de identificação nos corações mineiros; não nos enganemos, no entanto, ao pensar que ‘mineiridade’ é uma, temos ‘mineiridades’ em cada canto em que temos Minas. E Minas são muitas; como diria Drummond, Minas é palavra abissal. Quantos mineiros somos é quantas Minas há, porque Minas é mesmo é dentro da gente.

ABSTRACT: This work brings discussions about of that we know for “identity of Minas”, starting from the autobiographical book *A Menina do Sobrado* of Cyro dos Anjos. For that, it’s based in the text *O estádio do espelho como formador da função do eu*, of Jacques Lacan, and in the text *As Culturas Nacionais Como Comunidades Imaginadas*, of Stuart Hall. The intention, however, isn’t to plaster Minas inside of an identity, but to propose a problematization of the concept “mineiridade”, for to discuss the myths around the Literature of Minas Gerais.

Key-words: Minas Gerais; Fragmented Images; Imagined Community; Dialectics; Identity.

Referências bibliográficas

- ANJOS, Cyro dos. *A Menina do Sobrado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. A pessoa que fala no romance. *In: Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: *Charles Baudelaire um lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Historia oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: autêntica, 2006.
- DE PAULA, João Antônio. 40 anos coleção mineiriana. *Minas Gerais*. Suplemento Literário, edição especial, Belo Horizonte, p. 13-14, dez. 2009.
- GRAMMONT, Guiomar de. Mina de História. *Minas Gerais*. Suplemento Literário, edição especial, Belo Horizonte, p. 28, dez. 2009.

HALL, Stuart. As Culturas Nacionais Como Comunidades Imaginadas. *In: A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 47- 65.

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do eu. *In: Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96 - 103.